

REGA, Lourenço Stelio. **Dando um jeito no jeitinho.** Mundo Cristão, 2000. 244p. Resumido por JLHack em maio/2001. [Análise do jeitinho brasileiro em confronto com a ética bíblica. Apresenta solução ética conciliatória para enfrentar os dilemas sem saída. Interessante, mas o texto permanece muito no estilo “tese” e flui com dificuldade, com muitas citações de outros autores e falta de continuidade nos pensamentos.]

## **Parte 1 – O Brasil do jeitinho**

1-3. Embora não haja referências ao jeitinho na literatura mais antiga, este hábito foi se arraigando na cultura brasileira desde sua formação como nação. A população que veio habitar esta terra de contrastes não desejava colonizá-la e sim explorar seus recursos e a abandonarem quando destruída. Outro fator formativo é a miscigenação que causou forte intercâmbio cultural entre brancos, índios e africanos. Nós nos tornamos um povo que encara a vida de modo festivo (com festas oficiais e religiosas por um lado e festas populares de outro – carnaval e futebol). Criou-se um modelo de que prazerosa é a realização pessoal, enquanto rotineiros são o trabalho e as responsabilidades. O Carnaval se torna o momento de igualdade entre ricos e pobres, realizando por momentos o sonho da ascensão social. Os brasileiros vivem conforme dá na telha, são espontâneos, adaptando-se à realidade sempre em transformação. Disso também resulta o seu bom humor, que prefere sempre evitar conflitos. Até as palavras perdem seu sentido original, sendo adaptadas. É todo este ambiente que exige a reação brasileira de “dar um jeitinho”.

## **Parte 2 – O jeitinho brasileiro**

4-6. Dar um jeito é encontrar uma resposta para uma situação que não se pode ou não se quer enfrentar, é encontrar um caminho para que as coisas aconteçam como se gostaria. É uma imposição do eu contra as normas impessoais da civilização, um modo de contornar a incoerência entre as leis formais e a prática social. Assim, o jeito se tornou a estratégia básica de sobrevivência do brasileiro, seu princípio norteador e o que nos caracteriza como povo e nação. Não há dimensão da vida brasileira que não seja abrangida pelo jeito.

## **Parte 3 – O lado positivo do jeito**

7-9. O jeito se caracteriza por sua inventividade e criatividade, amenizando situações difíceis ao livrar do aperto. É a capacidade de adaptação a situações inesperadas. O jeito também é uma força solidária na ajuda ao próximo, além de ser conciliador (devido à troca de gentilezas).

## **Parte 4 – O lado negativo do jeito**

10-13. Em geral, o jeito surge como confronto à norma legal e como meio ilícito de resolver problemas. É um momento em que se faz uma interrupção da lei, em prol das iniciativas pessoais. Assim, o jeito é individualista e imediatista, enfatizando as necessidades próprias do agora e não o sistema vigente de normas. Finalmente, o jeito anda junto com a corrupção, fugindo das punições impostas. Neste sentido, caracteriza-se pelo suborno, pistolão, cobrança de caixinha, desvio de verbas, facilitadores da burocracia, etc.

## **Parte 5 – Dificuldades éticas**

14-17. O brasileiro se defronta com alguns dilemas. Precisa se posicionar diante da inconsistência das leis e da ação governamental (no tráfego, no combate à criminalidade, nos planos econômicos e na tributação excessiva que leva muitos ao uso do “caixa 2”). Há descaso governamental com as necessidades reais do povo, e isto gera o desejo de transgredir as normas (já que são inapropriadas). Para fugir à punição, surge a corrupção das autoridades para que a lei não seja aplicada. Isto gera a impunidade (a contravenção é pública, mas não há punição), que alimenta novamente o descaso.

Para sobreviver ao caos econômico, o brasileiro entra no mercado informal, em que os negócios acontecem sem o devido registro legal e contábil. A economia informal abrange a produção doméstica, as microempresas fora da legalidade, as pequenas empresas que preferem se manter ilegais pela vantagem inerente, a economia da contravenção (jogo do bicho, dólar paralelo, contrabando, cambistas) e a economia da delinquência (drogas). O conflito ético diário do brasileiro é o abismo entre o ideal ético (ortodoxia, o que se deve ser) e a realidade moral (ortopraxia, o que se quer ser). O jeito é o modo de resolver o conflito, buscando um caminho que traga solução para o indivíduo, desconsiderando as normas. O Cristianismo brasileiro tem falhado em produzir respostas bíblicas a este conflito.

## **Parte 6 – Como sobreviver no país do jeitinho?**

18-19. Para enfrentar os dilemas éticos do jeito, é preciso usar três abordagens:

A) O papel do Evangelho (definindo o “levar vantagem” como pecado e conclamando o povo ao arrependimento de seu egoísmo) e o da Igreja (como ambiente para instrução do povo quanto à conduta correta e ao caráter do cristão, como ambiente de serviço mútuo que supre as carências que obrigavam o uso do jeito, como ambiente de comunhão que não isola o cristão na luta contra o padrão do mundo, mas lhe supre companheiros de luta, como ambiente evangelizador que muda a sociedade alcançando a cada indivíduo).

B) Uma conduta ética pessoal, que é baseada em decisões coerentes com a Palavra e em um caráter cristão. Três exemplos bíblicos são: a exigência (1Tm 3) de monogamia entre a liderança da congregação (como conduta provisória da realidade poligâmica para o ideal monogâmico), a exigência (At 15) de abster de carne dos ídolos e com sangue (como conduta provisória da realidade de observância das leis mosaicas para o ideal da salvação unicamente em Jesus; a abstinência da prostituição permanece no real e no ideal) e a exigência (Cl 4) de tratar o escravo como irmão (como conduta provisória da realidade escravagista para o ideal de igual liberdade para todos).

Percebe-se um modelo ético de conduta provisória entre a realidade inflexível e o ideal bíblico, o qual pode ser chamado de Ética Temporal Ascendente (ETA). Este modelo indica uma condição temporária que não se conforma à situação, mas visa alcançar o ideal ético. É um movimento de baixo para cima, do real para o ideal, do “ainda-não” para o “deve-ser”, que busca abandonar a condição provisória o mais cedo possível. Este não foi o modelo seguido por Robinson Caivalcanti em seu livro “Libertação e sexualidade”, pois sua proposta foi adequar o ideal bíblico à realidade cultural de hoje (sentido inverso da ETA).

Neill propõe modelo semelhante ao ETA classificando o confronto entre Evangelho e cultura em três níveis: costumes que não podem ser tolerados (canibalismo, idolatria, infanticídio, vingança, prostituição ritual, mutilação física, etc.), costumes que podem ser temporariamente tolerados (escravidão, sistema de castas, sistema tribal, poligamia, etc.) e costumes com objeções não relevantes (separação entre homens e mulheres no culto, hábitos alimentares, vestimentas, higiene, etc.). A ETA pode não solucionar todos os dilemas, mas é um ponto de partida como ética emergencial de compromisso. Precisa ser vista como um último recurso, sendo limitada às situações em que não há saída, para não acabar justificando o comodismo e o jeitinho.

Algumas salvaguardas devem ser impostas sobre a ETA: o amor a Deus (obediência a Deus antes que aos homens); o amor-próprio (cuidar bem de si) e o amor ao próximo (exemplo: preservação da vida mesmo ilegalmente). A ETA não pode substituir o desafio de fé.

## **Parte 7 – O papel do cristão na sociedade do jeito**

20-22. C) A participação pessoal na sociedade. A ETA enfoca a ética individual, mas o cristão foi chamado para impactar a sociedade. Buscando agradar ao Senhor e mantendo uma conduta exemplar, o cristão dará testemunho vivo do Evangelho e será cidadão responsável. Diante das autoridades, a atitude deve ser de obediência, desde que respeitadas as salvaguardas expostas. A deso-

bediência civil pode ser uma conduta provisória quando há leis injustas, mas deve se julgar bem a motivação por trás da desobediência.

## **Parte 8 – Conclusões**

23-24. O jeitinho brasileiro se tornou um hábito descontrolado e domina as decisões tomadas. É uma solução egoísta ao dilema ético, pois busca apenas a vantagem pessoal. A solução bíblica para as situações-limite é um compromisso provisório entre o ideal ético e a realidade vivida. Este modelo resolve a situação do presente, mas gera a inquietação de chegar ao padrão bíblico. É vivendo o jeito de modo cristão que poderemos nos tornar agentes de transformação da sociedade.